

Sarney
20 SET 1988

À procura de opções

Ruy Lopes

JORNAL DE BRASÍLIA

Nas últimas semanas, o presidente Sarney tem manifestado grande interesse em conhecer alternativas para a política econômica do ministro Mailson da Nóbrega. Aparentemente, o chefe do Governo quer saber as razões pelas quais a inflação não baixa, apesar de todos os esforços do Executivo.

Naturalmente o Presidente já sabe, ao menos por via indireta, da opinião do professor Mário Henrique Simonsen sobre a matéria. Essa opinião foi transmitida ao País inteiro na noite do último domingo, através da televisão, no programa Crítica e Autocrítica.

Em resumo, Simonsen disse que a tática do "feijão com arroz" não derruba a inflação coisa nenhuma. Sendo um homem educado, é claro que ele não colocou as coisas nesses termos duros. Com toda a delicadeza, o ex-ministro afirmou que não é possível reduzir o patamar inflacionário se continuarmos indexando preços e salários pela inflação passada. Se os salários vão subir 77% nos próximos três meses, de acordo com a URP, pode-se contar como certo que os preços subirão no mínimo outro tanto, ou ainda mais.

Então, como resolver o problema? Respondendo a essa pergunta, Simonsen indicou a saída de um novo choque, que viesse liquidar a correção monetária. E, depois do choque — bem ao es-

tilo do Plano Cruzado — o Governo teria que formular uma nova política de moeda, muito mais restritiva do que a atual.

O erro corrente, comentou Simonsen, é pensar que os meios de pagamento sejam constituídos apenas pelos depósitos à vista e o papel moeda em poder do público. Nas condições da economia brasileira de hoje, os meios envolvem outros ativos financeiros. A expansão desmesurada destes ativos anula os esforços para conter os meios de pagamento.

Por fim, Simonsen disse acreditar que a sociedade prefere uma curta recessão — uns meses, talvez até um ano — à convivência com a inflação na casa dos 20%. Como está, não pode ficar, porque a tendência é piorar.

Essa análise inteira, como se percebe, é uma sentença de condenação da política de Mailson. E condenação à morte, porque o atual ministro não quer ouvir falar em choque e espera que a inflação caia de madura. Só que Sarney tem pressa de resultados, pois a sucessão presidencial começa em dois meses, e ele precisa de trunfos para poder influir em seu andamento.

Mailson, por sua vez, gostaria de ficar no cargo até a época em que se abre a disputa da presidência do Banco Mundial. Provavelmente não conseguirá.